

América Latina

Evila de Oliveira Reis Santana

COUTINHO, Eduardo. F. *Sentido e função da literatura na América Latina*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2000.

Segundo este autor, a idéia de realizar estudos comparatistas entre uma literatura dita de periferia e outra proveniente do cânone da Europa Ocidental advém da necessidade, cada vez mais urgente, de rever certos princípios que se fortaleceram no seio da própria Literatura Comparada. Esta forma de estudo, que se caracteriza pelo esforço de manter a idéia de superioridade das produções européias sobre as demais, acabou por propiciar a endogenia e o embotamento de obras de qualidade igual ou, até, superior à do cânone eurocêntrico. Uma das razões que se apresentam para este fato é, precisamente a localização geográfica, pois obras que se criaram fora do epicentro europeu, devido ao seu *locus* de enunciação, ficaram fadadas ao desconhecimento. Assim, entende-se, esta pretensa superioridade passou a povoar o imaginário dos críticos como verdade de difícil contestação. Daí entender-se este ensaio como uma advertência no sentido de que, ao se empreender estudos comparatistas, a primeira atitude do pesquisador deve ser a de revisar a matéria para respaldar as suas argumentações sem se deixar levar por tendências que já não fazem mais sentido.

A poesia e a ficção brasileiras enfrentam, por este motivo, dois obstáculos os quais

se traduzem em, também, duas desvantagens: situarem-se em um espaço fora da Europa e dos Estados Unidos da América, e serem escritas em língua ainda pouco difundida. Empedimentos que, às vezes, se afiguram como intransponíveis em se tratando de divulgação e reconhecimento. Malgrado estes percalços, o próprio fazer literário aponta para uma necessidade, cada vez mais crescente, de se estabelecer um diálogo com a alteridade, com o diferente. Advém desta constatação a grande contribuição dos estudos comparatistas.

Coutinho entende oportuno lembrar a expressão de René Wellek que diz ser a “literatura comparada” ambígua; aspecto que deve ter contribuído para ficar obscurecida durante certo tempo. Encetando uma revisão histórica literária, continua o raciocínio informando que para Wellek, parece ter sido Maethew Arnold o primeiro estudioso a empregar, em 1848, o termo em inglês: “comparative literature”. Os franceses, por sua vez, preferiram o termo “*littérature comparée*” empregado pelo Professor Villemain, antes, em 1829, em uma analogia com a “*anatomie comparée*”.

Agora, quase 200 anos depois, a história da literatura permite que visualizemos o percurso da Literatura Comparada entendendo

do-a a partir de dois momentos distintos: 1) a Literatura Comparada segundo princípios clássicos e 2) a Literatura Comparada, digamos contemporânea, menos dogmática e menos marcada por conceitos pré-estabelecidos.

No primeiro momento, pode-se facilmente constatar que a prática comparatista se faz de forma exteriorizante, ou seja, realiza-se a partir da detecção das influências entre “obras-fonte” e o “texto de chegada”, este, posterior, então concebido como “devedor” (Cf. Eduardo F. Coutinho. *Sentido e função de literatura comparada na América Latina*. Rio de Janeiro: faculdade de Letras/UFRJ, 2000, p. 12), uma espécie de composição de segunda categoria, pois os méritos repousavam, sempre, no texto fonte geralmente de origem européia. A noção de desvio, de paródia, enquanto criações originais, não norteava, ainda, os princípios dessa Literatura Comparada que confundia superioridade textual com anterioridade.

Talvez Wellek não esteja totalmente correto quando acusa a ambigüidade da Literatura Comparada como sendo a principal causa do seu reconhecimento tardio. A própria fragilidade da sua *praxis* pode ter se constituído em uma anticontribuição significativa, pois, concebida, segundo alguns raciocínios, como um mero ramo da história da literatura, a atividade comparatista de então conservava o olhar extrínscico ao fenômeno literário, uma vez que a sua investigação limitava-se em arrolar afinidades, filiação de obras, de autor e de estéticas, resultando em um inventário de influências que as obras fontes teriam exercido sobre textos receptivos. Querendo entender a Literatura Comparada apenas sob este prisma, pouco ou nada a diferiria, efetivamente, da história da literatura. Mas é com este

perfil que esta matéria se sustenta até o século posterior, nada obstante as suas fragilidades.

O segundo momento, que teve início recentemente, é possível perceber que os estudos comparatistas trazem para o seio de suas discussões questões que dizem respeito à sua própria estrutura, como, por exemplo, a dialética entre anterioridade e qualidade. Levando-se em consideração que “cada escritor cria seu precursor” (esta feliz expressão utilizada por Raul Antelo em uma clara alusão a T.S. Eliot nos seus “Ensaio de doutrina crítica”. Raul Antelo. Jorge L. Borges o eterno, com Vignale e Eliot. In: *D. O. Leitura*. São Paulo, ano 17 n° 3, julho 1999, p. 46), a anterioridade do texto não mais funciona como marca de superioridade inerente ao texto fonte. Assim, a própria tradição literária cria um percurso para si mesma, que não mais atende à linearidade temporal. E, em consequência, a concepção de texto fonte, modelo superior, oposta à de texto periférico, que barganha para si apenas o mérito da cópia, entra em crise e acaba por abalar a fé eurocêntrica.

É o mesmo Wellek, que, em 1958, por ocasião do II Congresso da Associação de Literatura Comparada, realizado na Carolina do Norte, põe o dedo na ferida dos estudos comparatistas quando reivindica a supremacia do texto literário, reafirmando-o como principal motivo para ser estudado, sem que para isso seja necessário perder de vista o contexto. Ressalta, influenciado pelo Formalismo Russo e pelo *New Criticism*, o estudo das estruturas interiores e imanentes ao texto – aspecto não contemplado pelo olhar desta forma de comparativismo – e, ao mesmo tempo, reprova o caráter exteriorizante desta prática comparatista e propõe a revisão dos seus postulados.

Seguindo-se a Wellek, continua Coutinho, a Escola Americana de Literatura Comparada confere-se caráter mais eclético, pois passa a admitir outras manifestações literárias que não fazem parte do cânone eurocêntrico. Esta postura torna-a mais interdisciplinar, pois passa a admitir o diálogo com outras formas artísticas e outras séries do conhecimento logrando, dessa forma, transcender o aspecto bilateral das trocas comparatistas comuns até então.

No entanto, essa diversidade, que se encontra na base desse novo enfoque, guarda, ainda, a marca etnocêntrica que norteia a pesquisa comparatista tradicional, embora seja visível o esforço dos estudos comparatistas em se realizarem através de uma dinâmica que se baseia na diferença de caminhos e de abordagens. Este procedimento tem possibilitado a esta matéria rever os seus princípios e revisar constantemente a sua concepção de cânone. É com esse novo olhar que a necessidade de se desatrelar o conceito de cânone, *topoi* e anterioridade se impõe. Desconsiderados estes laços, um novo cenário começa a se delinear no campo da Literatura Comparada. Trata-se, inequivocamente, de um apelo à isonomia literária, uma forma de quebrar a supremacia eurocêntrica que sempre determinou – e determina – as relações entre o Velho e o Novo Mundo, a América do Tio Sam e os países terçeiromundistas.

É a partir dessa abertura que começam a entrar em cena e ganhar espaço as literaturas consideradas periféricas e as composições provenientes do povo, de caráter popular, cujas obras, apesar de invocarem as influências do cânone europeu vão estar identificadas pela marca da desconstrução, pois têm ressaltadas as marcas da sua cultura mescladas à do outro, num jogo mútuo de influências.

A noção de desconstrução do modelo, que caracteriza o texto fonte, começa a ganhar corpo, e é com o Desconstrutivismo, e a sua ênfase sobre o princípio da diferença e da dimensão histórica e não mais o mero historicismo, que a prática comparatista tradicional, portanto hierarquizante e reforçadora do poderio eurocêntrico, passa a ser questionada com maior veemência naquilo que mais procurou resguardar: autoria, cópia, originalidade e influência. Assim, o *locus* da enunciação perde o seu “norte” e a concepção de texto-segundo, “devedor” é, a um só tempo, superada e ampliada: o texto-segundo, “cópia” passa a ser encarado como instrumento que garante a revitalização do texto “fonte”, ganha *status* de originalidade pelo desvio, e pelo contraste que passa a estabelecer com o texto-fonte. Passa, então, a entabular um diálogo em que, ao invés de se ressaltar, apenas, afinidades e influências que girem em torno da exterioridade textual, destacam-se as particularidades culturais, as questões relacionadas ao “outro”, quer seja pelo recurso da apropriação ou pela singularidade do tratamento. Com efeito, o texto/cópia acaba se configurando como mais rico do que o texto fonte, detentor, agora, de uma nova universalidade.

Este é um dos aspectos dos estudos comparativos que invertem a ordem da hierarquia. No caso da América Latina um outro nível de inversão tem se feito observar: o sentimento de marginalização. Este fato tem obrigado os estudiosos da Literatura Comparada a rearticularem o seu discurso comparativista, sob novos princípios em que não mais se estabeleçam juízos hierarquizantes que apontem para a inferência de haver literatura menor e literatura maior, por uma questão, apenas, de geografia.

É na perspectiva do transculturalismo (traço que vai se refletir no novo texto, e que, em sintonia com o contexto histórico no qual foi gerado, acaba por se constituir na voz da tradição cultural do seu novo *locus*), que o investigador literário deve respaldar o projeto da sua crítica, inclusive, para não se limitar à “inversão do modelo-padrão do comparatismo tradicional nem de uma exten-

são do paradigma etnocêntrico a outros sistemas periféricos.”

A lição, enfim, é a de que fique assegurada a transversalidade da própria disciplina, para que se possa entabular um verdadeiro diálogo de culturas, uma espécie de “comparatismo descolonizado” como bem sugeriu Ana Pizarro citada nesta obra de Eduardo Coutinho.



SANTANA, Évila de Oliveira Reis. América Latina. *Léngua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v. 4, nº 3, 2005, p. 276-279.